

TRAJETÓRIAS QUE TRANSFORMAM

Histórias de Vida de Estudantes | UnB 60+

Organizadoras:

Leides Barroso de Azevedo Moura

Grasielle Silveira Tavares

Elizabeth Bonavigo



**POLÍTICA DO ENVELHECER SAUDÁVEL,
PARTICIPATIVO E CIDADÃO DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**



Universidade de Brasília

Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e
Cooperação Internacional (PPGDSCI)

Envelhecer Cotidiano

Disciplina

Perspectivas em Envelhecimento e Longevidade

Docentes da Disciplina

Leides Barroso Azevedo Moura

Grasielle Silveira Tavares

Elizabeth Bonavigo

Entrevistadores

Daniella Cristina Jinkings Sant'Ana

Camila Mendes Nascimento

Carla Gama Lustosa

Gilmar Severino Lucena de Souza

Jefferson Luiz de Cerqueira Castro

João Paulo Gonçalves

José Aurenir Souza dos Santos

Maria Aparecida Padilha Ribeiro

Marcos Robério Vieira Ferreira

Marina Leite

Priscilla Campos de Castro

Taline Braz de Queiroz

Equipe de Diagramação

Elizabeth Bonavigo

Jefferson Luiz de Cerqueira Castro

Nathalia Mendonça Ribeiro Lobato

DISTRIBUIÇÃO LIVRE E GRATUITA

SUMÁRIO

Apresentação.....	3
Angela Mary Mattos Mello Entrevistada por Daniella Cristina Jinkinks Sant’Ana.....	8
Cleonice P. Damasceno de Araújo Entrevistada por Taline Braz de Queiroz.....	15
Cristina Vasconcelos Entrevistada por Gilmar Severino Lucena de Souza.....	20
Heloísa Rocha Entrevistada por Maria Aparecida Padilha Ribeiro.....	26
Iara Maria Martins dos Santos Miranda Entrevistada por Priscilla Campos de Castro.....	32
Ione Pereira Franca Entrevistada por Marina Leite.....	41
Marcos Pacheco Entrevistado por Camila Mendes Nascimento.....	47
Maria Verônica Pereira Entrevistada por Carla Gama Lustosa.....	55
Maurício Leite Entrevistado por Marcos Roberio Vieira Ferreira.....	62
Neusa Maria Nepomuceno Entrevistada por Jefferson Luis de Cerqueira Castro.....	70
Pedro Paulo Galucho Bahia Entrevistado por José Aurenir Souza dos Santos.....	77
Valdir Correia Viana Entrevistado por João Paulo Gonçalves.....	83
Até Breve!.....	91

APRESENTAÇÃO

O e-book Histórias de Vida Inspiradoras: Estudantes UnB 60+ nasce das atividades desenvolvidas na disciplina Envelhecimento e Longevidade, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, vinculado ao Centro de Estudos Avançados e Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

A disciplina tem como objetivo produzir, discutir, integrar, contextualizar e disponibilizar conhecimentos teórico-conceituais sobre o envelhecimento, com foco no enfrentamento ao idadismo e à cronologização da vida. Nessa perspectiva, envelhecer é compreendido como um processo social, histórico e cultural, tecido pelas transformações demográficas, pelas desigualdades e pelas políticas públicas que moldam as possibilidades de viver cada etapa da existência.

O idadismo é uma construção sociocultural aprendida desde a infância e reproduzida por instituições, práticas sociais e formas de comunicação que associam juventude à produtividade e velhice à decadência. Ao interpretar o envelhecimento como obsolescência e perda de competências, marginaliza as pessoas idosas e configura uma forma de violência simbólica e estrutural. Manifesta-se em estereótipos, piadas depreciativas e linguagem infantilizada que deslegitimam a autonomia, a experiência e a história de vida de quem envelhece. Em uma lógica econômica centrada na competição e no desempenho, intensificam-se exclusões, conflitos intergeracionais e sofrimento psíquico.

Superar o idadismo exige ressignificar o envelhecimento como conquista social e etapa do desenvolvimento humano marcada por aprendizagem, participação e cidadania, bem como enfrentar o capacitismo, que homogeneiza a velhice como incapacidade. Reconhecer a heterogeneidade das velhices é afirmar o direito de envelhecer com dignidade, inclusão, autonomia e protagonismo.

Como parte desse percurso formativo, estudantes realizaram entrevistas com pessoas idosas ingressantes no Vestibular UnB 60+. As narrativas reunidas nesta publicação recolhem memórias, percursos e escolhas, revelando os sentidos atribuídos à educação, ao trabalho, à família, à participação social e ao retorno à universidade.

Cada entrevista é como uma janela aberta para o tempo vivido. Nelas, o passado não se apresenta como arquivo encerrado, mas como experiência que continua a produzir sentidos no presente e a iluminar novos projetos. Ao atravessarem os corredores da Universidade, essas pessoas reafirmam que aprender é um direito que acompanha toda a vida e que o conhecimento floresce quando diferentes gerações compartilham suas histórias.

A realização deste e-book contribui para o fortalecimento da Política para o Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão (PESPC) da Universidade de Brasília, aprovada em 2023 pela Câmara de Direitos Humanos.

A PESPC reconhece o envelhecimento como parte do curso da vida e como dimensão dos direitos humanos. A política é fundamentada no reconhecimento da heterogeneidade das velhices e assume que cada trajetória é marcada por condições sociais, econômicas, culturais, territoriais e de gênero.

Entre seus princípios estão a solidariedade entre gerações, o protagonismo da pessoa idosa e a garantia dos direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Pessoa Idosa.

As histórias reunidas neste e-book mostram que o ingresso na Universidade de Brasília, por meio do Vestibular UnB 60+, representa mais do que o retorno aos estudos. Representa a continuidade de projetos de vida, a ressignificação de experiências e a afirmação de que o saber não tem idade. Em cada relato, a universidade aparece como lugar de encontro, de escuta e de circulação de conhecimentos entre gerações.

Esta publicação integra o movimento de construção de uma universidade comprometida com a educação ao longo da vida e com o reconhecimento da longevidade como expressão da condição humana. Ao compartilhar estas histórias, convidamos leitoras e leitores a perceber que envelhecer é também abrir caminhos, semear perguntas e continuar aprendendo.

Boa leitura!

Organizadoras

*Canta uma canção bonita
Falando da vida em ré maior
Canta uma canção daquela
De filosofia, é mundo bem melhor
Canta uma canção que aguente
Essa paulada e a gente bate o pé no chão
Canta uma canção daquela
Pula da janela, bate o pé no chão
Sem o compromisso estreito
De falar perfeito, coerente ou não
Sem o verso estilizado
O verso emocionado bate o pé no chão
Canta o que não silencia
É onde principia a intuição
E nasce uma canção rimada
Da voz arrancada ao nosso coração
Como, sem licença o sol
Rompe a barra da noite sem pedir perdão
Hoje quem não cantaria
Grita a poesia e bate o pé no chão
Canta uma canção bonita
Falando da vida em ré maior
Canta uma canção daquela
De filosofia, é mundo bem melhor
Canta uma canção que aguente
Essa paulada e a gente bate o pé no chão
Canta uma canção daquela
Pula da janela, bate o pé no chão*

*Sem o compromisso estreito
De falar perfeito, coerente ou não
Sem o verso estilizado
O verso emocionado bate o pé no chão
Canta o que não silencia
É onde principia a intuição
E nasce uma canção rimada
Da voz arrancada ao nosso coração
Como, sem licença o sol
Rompe a barra da noite sem pedir perdão
Hoje quem não cantaria
Grita a poesia e bate o pé no chão
E hoje quem não cantaria
Grita a poesia e bate o pé no chão
Sem o compromisso estreito
De falar perfeito bate o pé no chão
Sem o verso estilizado
O verso emocionado bate o pé no chão
Canta uma canção bonita
Falando da vida em ré maior
Canta uma canção daquela
De filosofia do mundo bem melhor
Canta uma canção que aguenta
Essa paulada e a gente bate o pé no chão
E hoje quem não cantaria
Grita a poesia e bate o pé no chão*

**Intuição (Ulysses Machado e
Oswaldo Montenegro)**

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



**ANGELA MARY
MATTOS MELLO**



*“A curiosidade que abre
caminhos”*

*A trajetória de Angela Mary
Mattos Mello*

A curiosidade é a força que move Angela Mary Mattos Mello, 63 anos, estudante da Graduação em História. Encantada pelo ambiente universitário, ela ingressou no primeiro vestibular 60+ da Universidade de Brasília (UnB) com o objetivo de ampliar seus conhecimentos sobre as grandes transformações sociais e históricas da humanidade.

Nascida no Rio de Janeiro, Angela foi para a Bahia ainda criança, morando em Vitória da Conquista e depois Salvador. Aos nove anos, ela se mudou com a família para os Estados Unidos, onde permaneceu até os doze anos de idade, retornando para Salvador posteriormente. Durante a juventude, ela passou no concurso da Caixa Econômica Federal e, em 1992, aos 29 anos, foi transferida para Brasília, onde reside até hoje.

Aposentada desde 2018, Angela trabalhou na Caixa por 28 anos. Antes de ser bancária, ela também atuou como professora de inglês. A aposentadoria representou uma importante mudança de vida para Angela, que passou a buscar cada vez mais conhecimento e se aventurar em áreas que a instigavam.

“Eu sempre fui muito curiosa. Depois da aposentadoria, fiz um curso de graduação em Moda. Também concluí uma pós-graduação em Tradução em Inglês e fiz uma outra pós-graduação em Literatura Inglesa, porque eu amo ler e amo a literatura inglesa”, destacou.

PAIXÃO POR HISTÓRIA MEDIEVAL

Esse movimento em busca de saciar sua vontade de saber a levou a fazer o primeiro vestibular 60+ da UnB. Ela escolheu o curso de História, pois sentia que precisava compreender o sentido do momento atual da humanidade e para preencher uma lacuna em sua formação. “Como eu morei três anos nos Estados Unidos, dos nove aos doze e meio, quase treze, foi um período em que eu não estudei História do Brasil. Isso sempre me gerou muitos questionamentos, inclusive sobre o momento atual que a gente está vivendo, olhando para o mundo”, lembrou.

O curso fez Angela descobrir uma nova paixão: História Medieval. “O período medieval, por exemplo, me encanta. Eu continuo muito fascinada com

a chamada ‘Idade das Trevas’. Para mim, foi ali que muitas das coisas mais interessantes começaram a acontecer — ou de fato aconteceram — e depois só foram sendo aproveitadas ao longo do tempo”, refletiu.

Apesar de amar estudar, Angela está aproveitando o curso lentamente. Ela se organizou para cursar apenas duas disciplinas por semestre para conseguir conciliar a sua rotina com a família e suas atividades de lazer, como passar tempo com os netos e viajar. Embora tenha avançado bastante no curso, a aluna 60+ não tem pressa para se formar. “Já avancei bastante nas matérias obrigatórias. Agora penso em fazer mais alguma coisa de medieval, porque eu gosto muito, mas nem precisaria — só preciso concluir o que é obrigatório. Isso me dá uma certa tranquilidade”, disse.

Angela também disse se divertir nas aulas observando a diferença de abordagem pedagógica dos professores. Para ela, a qualidade dos professores e estudantes, o alto nível e a diversidade deixam as aulas muito mais interessantes.

Segundo ela, há professores que planejam a aula toda e trazem um material bastante estruturado. Há outros, porém, que não escrevem nem no quadro, mas narram as histórias construindo o raciocínio crítico de maneira fascinante. “É ótimo também — parece que você está assistindo a uma narrativa viva. É super empolgante, eu me divirto

VIVÊNCIA NA UNB

A UnB faz parte da história da família de Angela. Dois de seus três filhos estudaram na Universidade de Brasília, mas apenas o filho do meio

concluiu o curso. A mais nova acabou deixando o curso para se mudar para a Austrália. “Sempre me encantou esse ambiente universitário. Talvez porque eu tive filhos cedo, né? Então, quando eu estava na universidade já estava grávida, e acabei não tendo essa vivência universitária. Hoje, é completamente diferente. Você tem aquela missão de sair, de explorar e é uma experiência muito agradável”, afirmou Angela.

Além dos filhos, o atual marido de Angela, recém aposentado, está cursando uma disciplina de pós-graduação na área de Psicanálise como aluno especial. De acordo com ela, o marido está “namorando” essa volta para a vida acadêmica. “Ele também tem um perfil mais crítico com esse academicismo mais rígido, aquela coisa muito formal. Ele gosta de algo

mais leve, mais prazeroso, com conteúdo, mas sem tanta rigidez”, revelou.

A convivência intergeracional foi outro fator que motivou Angela a entrar na UnB. Segundo ela, a possibilidade de conviver com pessoas de diferentes contextos, idades e extratos sociais sempre a fascinou. Ela inclusive encontra a sobrinha de 18 anos, que está cursando Economia, no Campus. “Até brinquei com ela, me gabei, falei: ‘somos colegas’”, disse.

A vivência universitária também trouxe novos amigos. De acordo com Angela, a convivência não é só com pessoas mais jovens, mas também com pessoas da mesma idade. E ela fez boas amizades com outras estudantes 60+, como a Tereza e a Delí, que também ingressaram no primeiro vestibular.

Antes de começar as aulas, Angela revela que teve receio de sofrer idadeísmo, principalmente após um episódio que ocorreu em uma universidade particular com uma aluna de 40 anos e teve ampla repercussão na mídia. “Mas aqui é diferente, né? É um outro olhar. A gente até fica meio assim: ‘será que eles não estranham? O que estão achando da gente aqui?’ Até porque, pouco antes de eu entrar, teve aquele caso de comentários do tipo: ‘nossa, uma senhora de 40 anos’. E eu penso: minha filha tem 40 anos!”, salientou.

Entretanto, apesar do receio, ela afirma que nunca sofreu discriminação por conta da idade. “Eu não tive nenhuma experiência negativa. Pelo contrário, fui muito bem acolhida”, destacou.

Embora ame a vida acadêmica, Angela não está conseguindo frequentar tanto as dependências da UnB como gostaria, mas afirmou que tem muita vontade de participar de mais atividades no campus. Um dos lugares favoritos dela é a biblioteca, o que fez com que ela inclusive tivesse dúvidas sobre estudar História ou Biblioteconomia. “Na época do processo seletivo, eu fiquei em dúvida se fazia sentido entrar. Mas, no fim, percebi que fazia — até historicamente, para mim, a História tem muito mais a ver com o que eu buscava”, revelou.

Em relação aos planos pós-formatura, Angela não descarta uma pós-graduação em História Medieval. Outro projeto futuro é viajar para o Oriente, para conhecer in loco os locais sobre os quais ela aprende no curso de História.

“Já fico até imaginando roteiros, cidades, trajetos, passando por regiões históricas, comunidades antigas, populações milenares. Se pudesse, eu começaria por ali, por aquelas regiões mais antigas, até a área do Iraque, com comunidades milenares. Seria fantástico”.

*Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor
Flor e fruto*

*Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade*

**Coração de Estudante
(Milton Nascimento)**

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



CLEONICE P. DAMASCENO DE ARAÚJO

*Iniciando a vida
em 3,2,1...*

*A Trajetória de Cleonice
Damasceno*

Cleonice Pereira Damasceno de Araújo, brasiliense de 61 anos, carrega uma trajetória marcada pela coragem e pelas escolhas de sua família. Filha de pioneiros oriundos da Região Norte do país, nasceu na Candangolândia e cresceu em Sobradinho, onde seus pais reconstruíram a vida após a mudança para Brasília. Seu pai veio primeiro, trabalhando na construção do Distrito Federal; sua mãe, sozinha com dois filhos pequenos, decidiu posteriormente juntar-se a ele. Em Brasília, construíram uma família de seis filhos, entre os quais Cleonice, que sempre estudou em escola pública e seguiu a trajetória do magistério.

Desde jovem, Cleonice sonhava em tornar-se servidora pública e cursar fonoaudiologia, mas a vida a conduziu por outros caminhos. Casou-se cedo, teve filhos e, sem condições financeiras para seguir o sonho original, graduou-se em pedagogia na Universidade Católica de Brasília (UCB), instituição na qual trabalhou por 15 anos. Realizou especializações, cursou Psicopedagogia e chegou a iniciar o mestrado como aluna especial, embora não tenha conseguido concluí-lo. Ainda assim, manteve-se dinâmica, dedicada e movida por um senso de responsabilidade com a família e com o trabalho.

DESAFIANDO O DESLIGAMENTO PROFISSIONAL

Em 2017, Cleonice foi desligada da UCB, mas não se deixou abater. Com determinação e esforço, foi aprovada, em 2018, em concurso para professora temporária, realizando parcialmente o sonho de tornar-se servidora pública. Ainda assim, preservava o desejo de conquistar um cargo efetivo e, quem sabe, retomar o sonho interrompido da Fonoaudiologia.

Em 2024, ao completar 60 anos, foi incentivada por sua irmã a prestar o vestibular 60+ da UnB. Inicialmente, hesitou, por acreditar que já não tinha idade para competir com candidatos mais jovens, mas decidiu enfrentar o desafio.

A aprovação veio como surpresa, descoberta pela vizinha.

Mesmo assim, ela iniciou o curso com certa frustração, matriculando-se em poucas disciplinas, pois acumula muitas atividades dentro e fora de casa. Entre elas, faz bolos de festa, um trabalho que realiza mais por amor do que por lucro, já que tem dificuldade em cobrar preços justos e se preocupa sobretudo em proporcionar alegria a quem recebe o bolo.

ENCARANDO A UNIVERSIDADE DE FRENTE

Para Cleonice, cursar Fonoaudiologia hoje é menos sobre carreira e mais sobre satisfação pessoal, desejo de ajudar e promover o bem comum. Ela acredita que não conseguirá competir com os jovens, mas ainda sonha em estagiar e aplicar seus conhecimentos para apoiar alunos com dificuldades. No ambiente universitário,

percebe individualismo e pouca acolhida, mas não se intimida: participa de grupos, enfrenta trabalhos acadêmicos sem vergonha e cria laços quando há abertura. Não força amizades, mas valoriza profundamente quando elas surgem.

Sua visão sobre o envelhecimento é lúcida e crítica. Sente que os idosos ainda têm pouca voz e que a sociedade, inclusive dentro da universidade, tende a isolá-los. Para ela, três palavras definem o estudante 60+: **Amizade, Conhecimento e Respeito**. Cleonice não se sente idosa; sua mente é ativa, inquieta, mais viva do que a de muitos jovens.

Determinada, só descansa quando conclui todas as suas tarefas. Prestativa e sensível às questões sociais, carrega uma força silenciosa de quem suportou dificuldades para proteger os filhos, mas que

conseguiu superar a luta.

CLEONICE CONTINUA SONHANDO...

Hoje, vive o presente como se fosse o futuro, sem ficar ansiosa com o que está distante. Ela sonha em viajar pelo Brasil e pelo mundo e sabe que o tempo certo chegará. Enquanto isso, segue estudando para concursos, mantendo a esperança de se tornar servidora efetiva.

Ao final da entrevista, expressou confiança de que ela e a entrevistadora celebrarão juntas suas conquistas: ela como efetiva, a entrevistadora como mestranda. Cleonice segue, como sempre, movida por coragem, afeto, resistência e uma determinação admirável.

*O Brasil, verde que dá
Para o mundo se admirar
O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor*

*Brasil (Brasil)
Pra mim (pra mim)*

Aquarela do Brasil
(Ary Barroso)

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



CRISTINA VASCONCELLOS



*A Voz que Canta e a Alma que
Desbrava*

*A Trajetória de Cristina
Vasconcellos*

Há histórias que não cabem em fichas cadastrais, currículos ou formulários de aposentadoria. São histórias que transbordam — em música, em palavras, em atitude. A trajetória de Cristina Maria de Vasconcelos é uma delas. Com 63 anos, natural de Cabo Frio (RJ) e brasiliense desde 1973, Cristina é bancária aposentada, cantora, caçula de uma família de músicos e, desde 2024, universitária da Universidade de Brasília (UnB). Seu relato, colhido em entrevista de história de vida para o projeto "Histórias de Vida que Inspiram", revela uma mulher que desafiou expectativas, sobreviveu a lutos, perdas e encontrou no conhecimento e na arte os alicerces de sua segunda — ou talvez primeira — grande estação de vida.



“Meu projeto de vida é cuidar de mim, fazendo as coisas que me dão prazer: Liberdade, Conhecimento e Música.”

NARRATIVA DA HISTÓRIA DE VIDA

Entre a música e o trabalho

A história de Cristina começa embebida em som. Criada em uma família de músicos, Cristina cresceu cercada por sons e harmonias. Caçula de seis irmãos, aprendeu violão e canto tanto pela convivência quanto por formação técnica. Apesar dessa vocação artística, seguiu carreira no Banco de Brasília (BRB), onde trabalhou por décadas.

Mesmo assim, a música nunca saiu de sua vida. À noite, encontrava nos palcos o espaço que o trabalho formal não permitia. Em 1993, alcançou um marco importante ao gravar um disco com apoio do banco — uma conquista que exigiu persistência diante do ceticismo de colegas.

Essa dualidade entre estabilidade profissional e expressão artística marcou sua trajetória por muitos anos,

revelando uma mulher que nunca abandonou sua essência. E Essa certeza interior seria testada duramente ao longo dos anos seguintes. A perda repentina do pai, quando Cristina tinha apenas 37 anos, deixou o primeiro rastro profundo.

Décadas depois, a partida da mãe — com 94 anos de uma vida bem vivida — e, quase simultaneamente, a da irmã mais velha, a quem considerava uma segunda mãe, trouxeram à sua vida um silêncio que a própria música não conseguia preencher. Por um longo período, Cristina renegou os palcos. Cada nota parecia abrir feridas.

Subir ao microfone e não conseguir terminar uma canção sem que as lágrimas interrompessem o canto tornou-se insuportável. "Foi um luto em cima do outro luto", descreve, com a precisão daquela que sabe

nomear a dor sem se deixar definir por ela. Mas — e aqui está o coração desta história — ela não ficou no silêncio. Ela o atravessou.

“Muitos colegas diziam: 'você não vai conseguir'... eu tive uma certeza de dentro: vou conseguir sim.”

A CORAGEM DE RECOMEÇAR AOS 63

Em 2024, Cristina tomou uma decisão ousada: prestar vestibular. Aprovada no programa 60+ da UnB, ingressou no curso de Turismo e passou a conviver com colegas muito mais jovens.

Para seguir esse novo caminho, precisou fazer uma escolha difícil: pedir demissão do banco.

Sua decisão foi guiada por um princípio simples e poderoso:

“Dinheiro nenhum paga a minha paz.”

Na universidade, enfrentou desafios, incluindo episódios de preconceito relacionados à idade e idadeísmo. Ainda assim encontrou acolhimento, aprendizado e um novo sentido de pertencimento. A convivência intergeracional ampliou sua visão de mundo e reforçou sua capacidade de adaptação, demonstrando que aprender é um processo contínuo — em qualquer fase da vida.

O contato com jovens estudantes ampliou sua percepção sobre o coletivo e a sociedade, testou seus próprios preconceitos e a ensinou, por reflexão, a respeitar a diversidade em seus múltiplos formatos.

PROJETOS DE VIDA E SIGNIFICADOS

Atualmente no 5º semestre de Turismo, Cristina é estudante é pesquisadora. Desenvolve pesquisas sobre overtourism, patrimônio histórico e turismo em Cabo Frio, conectando sua história pessoal à produção acadêmica.

Paralelamente, a música voltou a fazer parte de sua vida. Com mais maturidade e significado, prepara o show “Essência”, simbolizando seu retorno aos palcos e à sua identidade artística.



*Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia
Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente
Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente*

**Apesar de você
(Chico Buarque)**

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



HELÔ ROCHA

A Trajetória de Helô Rocha

Heloisa Rocha é estudante do curso de Museologia e ingressou na Universidade de Brasília poucos meses depois de completar 60 anos.

Heloisa, mais conhecida como Helô, é uma conectora de pessoas e projetos, trabalha com planejamento e criação de comunicação digital, é curadora de conteúdo, professora de bordado e podcaster.

É uma das idealizadoras do ateliê criativo Texturas e curadora do podcast Ossobuco, que conta histórias sobre o patrimônio cultural de Brasília.

O DIPLOMA DE ENSINO SUPERIOR

A conquista do diploma universitário, na primeira graduação em História, foi interrompida devido a escolhas profissionais, mas a falta dele fez Helô repensar sua trajetória. Perdeu boas oportunidades de trabalho, na área de comunicação, porque não era formada. Foi uma escolha, que deixou uma lacuna em sua formação, sentida alguns anos depois.

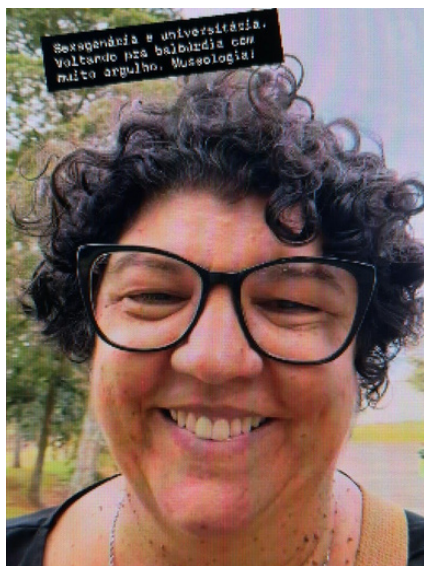
Quando soube do vestibular UnB60+, antes mesmo de possuir todos os critérios para se inscrever, incluindo a idade, Helô ficou encantada com o projeto e com a possibilidade de acesso das pessoas 60+ à Universidade. Ficou com aquela informação guardada.

Em 2025, com vários questionamentos sobre o seu processo de envelhecimento,

Helô acompanhou a divulgação do edital e se inscreveu para o vestibular. Queria se desafiar. Foi aprovada para o curso de Museologia, que, no início, não sabia ao certo se era a melhor opção. Contudo, a escolha vem se revelando como um novo caminho a ser adicionado em sua trajetória profissional.

A APROVAÇÃO NO VESTIBULAR

A chegada de Helô à Universidade de Brasília não foi marcada apenas pela aprovação no vestibular, mas pela repercussão que a notícia teve nas redes sociais. No dia do resultado, no calor da celebração, ela gravou um vídeo para contar para os familiares e amigos sobre a aprovação no vestibular 60+, no curso de Museologia. O vídeo viralizou.



Ela recebeu muitas mensagens de parabéns de amigos, de incentivo e reconhecimento dos estudantes do próprio curso de Museologia, e também perguntas de pessoas desconhecidas interessadas no projeto UnB60+.

Esse retorno demonstrou o interesse pelo projeto, aceitação por parte dos estudantes e abriu novos horizontes para o público 60+ que desconhecia a possibilidade de ingressar na Universidade.

Naquele momento, antes mesmo da chegada à sala de aula, tinha uma estudante universitária nascendo.

UNB: CHEGUEI!

O curso de Museologia foi escolhido sem grandes planos, mas abriu um universo que não imaginava e novos caminhos começaram a aparecer como possibilidade, inclusive, de trabalho. Logo nas primeiras aulas, Helô fez conexões dos conteúdos dos textos das aulas com projetos culturais que trabalha.

A carteirinha impressa virou um símbolo, a mochila e os cadernos materializaram a vida da estudante Helô e novas relações foram se construindo, inclusive uma “patota” para trocar sobre os conteúdos das aulas, desafios da universidade e temas que

são importantes nesse momento, como uma discussão sobre anti-racismo.

O DESAFIO DA PERMANÊNCIA

As primeiras semanas foram caóticas, de muita adaptação, porque Helô precisava conciliar trabalho e estudo. O tempo precisou ser redesenhado para caber no cronograma das aulas espaçadas, nos longos deslocamentos de casa para a Universidade e na necessidade de continuar trabalhando. Helô menciona:

“É uma adaptação diária, porque não é só passar no vestibular, é permanecer”

A Universidade, com suas estruturas por vezes precárias, impõe desafios, desde a falta de cadeiras, aos intervalos

vazios, a internet que não funciona, mas a vontade de seguir e o suporte da monitora do projeto, dos colegas e professores ajudaram a sanar a dúvida: “será que dá”? Ela completa:

“apesar de ser maravilhoso, mudar a forma de pensar e voltar a ser aluna, é muito difícil”.

No fundo, essa experiência não é apenas sobre estudar. É sobre se abrir para novas possibilidades, se desafiar intelectualmente e ter novos projetos de vida. É acreditar que não há uma idade para começar.

Para caracterizar esse momento, Helô cita três palavras e traduz o que elas significam:

*"desafio — porque nada é simples nesse recomeço;
surpresa — porque o mundo insiste em se abrir onde menos se espera;
memória — não como passado, mas como território em movimento, que se reorganiza a cada nova experiência".*

Helô está cheia de planos. Seu projeto de vida, de futuro, agora se organiza em pequenos horizontes: o próximo semestre, a próxima disciplina, talvez um projeto, quem sabe um trabalho. Não há pressa. Há presença.

No fim, talvez seja isso: não se trata de voltar. Trata-se de continuar, de outro jeito.

*Hoje me sinto mais forte
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei
Ou nada sei*

*Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs*

*É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir*

*Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente*

**Tocando em frente
(Almir Sater)**

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



**IARA MARIA
MARTINS DOS
SANTOS
MIRANDA**



*A Trajetória de Iara
Maria*

RAÍZES E TRAJETÓRIAS

Era uma tarde tranquila no Departamento de Música quando a estudante Iara começou a contar sua trajetória. Com um sorriso sereno e uma voz marcada pelo tempo e pela música.

Iara conta que é nascida no Rio de Janeiro, ainda na época em que a cidade era chamada de Guanabara e que chegou a Brasília ainda adolescente, aos 14 anos.

Ao longo de décadas, dedicou-se à carreira pública. Servidora federal, atuou na Agência Nacional de Mineração, onde desenvolveu uma trajetória sólida e comprometida.

Sua formação acadêmica também refletia esse caminho: graduação em Administração e mestrado em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação,

ambos pela Universidade Católica de Brasília - UCB.

Aposentou-se em 2022. Mas, ao contrário do imaginário social, a aposentadoria não significou o fim de sua jornada. Foi o início de um novo capítulo.



UM SONHO ADIADO, NUNCA ESQUECIDO

Desde jovem, Iara alimentava um desejo silencioso: estudar na Universidade de Brasília. No entanto, a vida seguiu outros caminhos. Trabalhando durante o dia, conseguiu realizar sua graduação no período noturno. Assim, as exigências do trabalho e as responsabilidades familiares fizeram com que esse sonho fosse adiado, mas nunca esquecido.

Ao conhecer o programa voltado para estudantes com mais de 60 anos, algo voltou a pulsar em seu coração: o antigo desejo de ingressar na Universidade de Brasília.

Entusiasmada com essa possibilidade, não hesitou. Foi uma das primeiras pessoas a se inscrever no vestibular 60 + da UnB, movida por uma combinação de coragem, entusiasmo e esperança.

“Eu nem sabia direito como seria o processo, apenas que haveria redação. Estudei um pouco o modelo do ENEM pela internet. Fui aprovada em primeiro lugar na etapa de redação para música. Depois descobri que havia prova de habilidade específica. Nunca tinha cantado para banca, então procurei um professor de canto e fiz quatro aulas preparatórias. Tenho uma questão nas cordas vocais, o que faz minha voz falhar às vezes, mas mesmo assim consegui realizar a prova e fui aprovada.”



O CURSO DE MÚSICA: Desafios, Descobertas e Superação

A música sempre esteve presente em sua vida. Seu pai, um multi-instrumentista e autodidata, era o centro dessa herança afetiva. Então, em casa, a música não era apenas lazer: era disciplina, era prática, era expressão. Ensaios em família, apresentações em datas comemorativas, repertórios decorados.

Desde cedo, Iara cantava, com seus pais e seus irmãos.

Assim, ingressar no curso de Licenciatura em Música ofertado pela Universidade de Brasília significava, para ela, algo muito maior: transformar vivência em conhecimento, emoção em teoria, talento em formação e as lembranças de família presente.

O caminho após a aprovação no vestibular, no entanto, não foi algo simples. Logo no início, veio o primeiro desafio em sua trajetória acadêmica: a disciplina Teoria de Leitura e Estruturação Música - LEM.

Ao entrar em sala de aula, Iara percebeu que, apesar de toda sua vivência, faltava-lhe base técnica. Aquilo que sempre foi natural cantar, sentir, interpretar agora exigia estrutura, linguagem e rigor acadêmico.

Diante da dificuldade, tomou uma decisão firme: não seguiria adiante sem compreender profundamente o conteúdo.

Trancou a disciplina e buscou reforço fora da universidade. Estudou, dedicou-se, recomeçou.

Retornou à disciplina e, pouco a pouco, passou a dominar o conteúdo. Hoje, cursando níveis avançados, alcança desempenho com segurança, resultado de esforço constante e disciplina.

ENCONTROS, AFETOS E PERTENCIMENTO NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ao falar da convivência na universidade, Iara revela um elemento essencial de sua experiência acadêmica: o acolhimento.

Diferente do que poderia se imaginar, Iara não encontrou barreiras intergeracionais. Pelo contrário. Entre colegas mais jovens, encontrou respeito. Entre professores, amizade e reconhecimento. Entre técnicos, apoio.

Foi nesse ambiente que nasceu também um dos momentos mais marcantes de sua trajetória junto à Universidade e Brasília: o grupo musical formado por estudantes 60+, conhecido como “Seventy Teens”.

Ali, a música voltou a ser o que sempre foi para Iara: conexão com outras pessoas.

“No curso de música, especialmente, percebe-se uma sensibilidade maior. A arte parece aproximar as pessoas, dissolver distâncias, criar pontes.”



“Os estudantes mais jovens costumam ter respeito pelos músicos veteranos.”

Foi nesse ambiente que nasceu também um dos momentos mais marcantes de sua trajetória junto à Universidade e Brasília: o grupo musical formado por estudantes 60+, conhecido como “Seventy Teens”.

Ali, a música voltou a ser o que sempre foi para Iara: conexão com outras pessoas.

RECOMEÇOS E PROJETOS DE VIDA

A aposentadoria, que antes parecia um vazio, transformou-se em espaço de reinvenção. Iara conta que, ao deixar o trabalho, sentiu-se perdida.

Acostumada a uma rotina intensa, não sabia como reorganizar sua vida. Foi necessário um processo de reflexão, de busca, de reconstrução de sentido.

Dessa experiência nasceu um novo projeto: ajudar outras pessoas a se prepararem para a aposentadoria.

Hoje, atua voluntariamente em iniciativas que orientam

pessoas nesse momento de transição de vida.

“Gostaria de destacar a importância de se preparar para a aposentadoria. Passei por um momento difícil, inclusive de saúde, que me fez repensar a vida. Percebi que precisamos planejar essa fase e buscar novos projetos.”

Além disso, seus planos na Universidade de Brasília seguem firmes. Pretende concluir a graduação, aprofundar-se na área de composição musical e, quem sabe, iniciar um novo mestrado agora na Universidade de Brasília.

Para ela, estudar não é só uma fase da vida, mas também um estado constante e permanente do Ser no mundo.

Ao final da conversa, Iara foi convidada a resumir sua experiência como estudante 60+ em 3 palavras.

Ela escolheu três palavras:

Oportunidade.
Inclusão.
Acolhimento.

O café e a entrevista com Iara foram uma experiência sentida, vivida, com uma potência capaz de estabelecer laços e vínculos que transcendem os limites formais do campo universitário.

“Também incentivo outras pessoas a participarem do Vestibular 60+, pois é uma oportunidade transformadora de aprender e poder criar novos caminhos e possibilidades em qualquer idade.”

AFETAÇÕES

Ouvir essa estudante 60+ contar sua trajetória até chegar à Universidade de Brasília me afetou profundamente enquanto pesquisadora e servidora da UnB, pois sua tripla jornada como mãe, trabalhadora e estudante, somente lhe possibilitou cursar o ensino superior em uma instituição privada e no período noturno.

Hoje, a UnB permite que Iara vivencie o espaço acadêmico da forma como sempre desejou. A palavra apoio, usada por ela para descrever a relação com os técnicos-administrativos da universidade, ressoa profundamente em mim e reforça o desejo de tornar-me, a cada dia, uma servidora pública ainda mais comprometida com o acolhimento, cuidado e a promoção de apoio à trajetórias acadêmicas significativas para todas as pessoas



*Começar de novo e contar comigo
Vai valer a pena ter amanhecido
Ter me rebelado, ter me debatido
Ter me machucado, ter sobrevivido
Ter virado a mesa, ter me conhecido
Ter virado o barco, ter me socorrido*

Começar de novo e contar comigo

Começar de Novo
(Simone)

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



**IONE PEREIRA
FRANÇA**

*A Arte de Projetar Novos
Começos*

*A Trajetória de Ione Pereira
França*

Aos 72 anos, Ione traz no olhar a serenidade de quem traçou muitos caminhos e a força de quem precisou reinventar sua própria trajetória.

Natural de Anápolis, encontrou nos estudos não apenas uma escolha, mas um caminho possível para a superação e novas possibilidades. Aos 11 anos, vivenciou um acidente grave que resultou na perda de seus membros inferiores, exigindo dela um processo intenso de adaptação e reconhecimento. Diante disto, Ione escolheu a mente como seu território de conquista:

"Eu priorizei estudar porque eu percebia que, como a minha família não teria condição de cuidar de mim... eu tinha que de alguma forma continuar a vida"



Ione passou no vestibular da Universidade de Brasília e se mudou para a capital ainda jovem. cursou com louvor a graduação de Arquitetura e Urbanismo, posteriormente concluiu um mestrado na área de desenho urbano. Trabalhou no serviço público por anos, aonde se aposentou.

"... eu queria fazer outras coisas, mudar de vida, ver outros mundos"

O RETORNO AO "MINHOCÃO"

A aposentadoria aconteceu em 2024, e não foi percebida como um convite ao repouso, mas como um chamado para a renovação. Pelo programa **Vestibular 60+**, ela ingressou em Ciência da Computação na UnB. Com um objetivo: entender as tecnologias e a internet que moldam o mundo atual.

A experiência foi, em suas palavras, "**muito renovadora e estimulante**". Circular novamente pelos corredores do Instituto de Ciências - ICC (o conhecido Minhocão) fazia parte da sua rotina e, ao mesmo tempo, revelava alguns dos desafios cotidianos relacionados à acessibilidade.

Nos dias em que os elevadores falhavam, por exemplo, Ione não recuava, com tranquilidade ela recorria ao apoio dos estudantes e

técnicos que encontrava pelo caminho, seja para percorrer as longas distâncias do campus com sua cadeira de rodas, seja para auxiliar no manejo da cadeira ao entrar e sair do carro. Ione conta que uma das principais facilidades durante o processo de ser estudante novamente foi o acolhimento recebido.

Ela se sentiu bem acolhida tanto pelos professores e técnicos como pelos colegas mais jovens. Quando teve que lidar com sistemas digitais, não teve vergonha em pedir ajuda aos estudantes, que prontamente lhe auxiliavam.

A DECISÃO DA PAUSA E NOVAS ROTAS

A vida, contudo, por vezes exige o redirecionamento da rota e a revisão de expectativas. Em meio a uma greve universitária e às responsabilidades de conviver e cuidar de quatro irmãs idosas, Ione percebeu que o curso de Computação, cuja formação lhe parecia predominantemente técnica, não correspondia plenamente aos interesses e expectativas que a haviam levado à universidade. Decidiu, então, trancar a matrícula. Longe de representar uma desistência, essa escolha expressa sua capacidade de reavaliar caminhos, redefinir prioridades e exercer autonomia e autocuidado. Sua trajetória evidencia que os projetos de vida envolvem escolhas conscientes e a liberdade de reformular

percursos sem abdicar dos sonhos e do desejo de aprender.

No entanto, seus planos não se encerraram ali. Atualmente, Ione investe em cursos on-line para manter-se atualizada e ampliar seus conhecimentos. Entre seus projetos futuros, pretende atuar de forma independente na fiscalização de obras para instituições financeiras, conciliando sua experiência profissional com novas possibilidades de trabalho e realização. Sua história demonstra que a construção de novos horizontes permanece possível em todas as etapas da vida e que reinventar caminhos é também uma expressão de protagonismo e continuidade dos projetos de vida.

O LEGADO DE UMA "ETERNA APRENDIZ"

A passagem de Ione pelo programa 60+ da Universidade de Brasília, deixa uma lição sensível sobre o que significa envelhecer com propósito, ser cuidadora de si e de seus familiares.

Ela nos mostra que a universidade pode ir além das salas de aula; sendo um espaço de preservação de saúde mental e física, um refúgio contra o isolamento social e um lembrete de que a função social de uma pessoa não termina com a aposentadoria.

Sua jornada é um convite a todos, independente da idade: é preciso coragem para ser iniciante novamente. Como ela mesma define sobre este momento de superação: "Estou tentando sair para poder botar a cabeça para fora e começar".

Ione não terminou o curso de computação, mas concluiu algo muito importante também: provou que, enquanto houver curiosidade, a vida continua sendo uma obra em plena construção.



*És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo tempo tempo tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo tempo tempo tempo
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo tempo tempo tempo
Entro num acordo contigo
Tempo tempo tempo tempo
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo tempo tempo tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo tempo tempo tempo
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo tempo tempo tempo
Ouve bem o que eu te digo
Tempo tempo tempo tempo ...*

**Oração ao Tempo
(Maria Betânia)**

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



**MARCOS
PACHECO**

*A Trajetória de Marcos
Pacheco...*

HISTÓRIA E MEMÓRIAS

Marcos Pacheco de Moraes, mineiro, natural de Cláudio, em Minas Gerais, chegou a Brasília em 1972, ainda jovem, acompanhando o movimento de uma capital em crescimento e de um país em transformação.

Na cidade que aprendeu a chamar de casa, construiu uma trajetória marcada pelo serviço público, pela cultura, pelo pensamento crítico e pela participação cidadã.

Durante mais de quatro décadas, segue atuando no Tribunal Superior Eleitoral, exercendo diversas funções, entre elas a de taquígrafo e revisor.

Trabalha com registros de memórias e palavras que ajudam a contar a história institucional do nosso país.

Relata que já poderia ter se aposentado, mais ainda não

o fez por razões pessoais.

Ao mesmo tempo, investiu em sua própria formação: graduou-se em Educação Artística, é professor, realizou pós-graduação e estudos em Direito Eleitoral e atualmente cursa Ciência Política.

*“Aos 67 anos, ele decidiu
começar de novo.
Ou melhor:
decidiu continuar.
Porque há pessoas que
nunca interrompem a
caminhada do
conhecimento, apenas
mudam de trilha ao longo
da vida.”*

Sempre manteve viva sua relação com os livros, com a reflexão e com o desejo de compreender mais profundamente o país.

Desde a juventude, esteve vinculado ao teatro — atuando como ator e autor de peças, poemas e contos —, bem como aos movimentos políticos e culturais de sua geração.

“Aprendeu, desde cedo, que liberdade e democracia exigem coragem permanente.”

Marcos viveu os anos difíceis da ditadura militar, presenciou censura de espetáculos, restrições à liberdade de expressão e perseguições que marcaram toda uma época. Viu amigos e conhecidos serem perseguidos e presos. Aprendeu cedo que democracia não é algo garantido para sempre, é

construção diária, que exige memória, vigilância e participação.

O INGRESSO NO VESTIBULAR UNB 60+

“[...] Mas sua história nunca coube apenas no currículo.”

Décadas depois, quando muitos imaginam que o tempo de grandes desafios já passou, ele escolheu um novo começo: prestar o Vestibular 60+ da Universidade de Brasília.

A aprovação não veio de imediato. Na primeira tentativa, recebeu nota zero na redação, que o surpreendeu por sua função, mas trouxe reflexão sobre soberba, sentimento que experimentou ao fazer a prova com o sentimento de aprovação garantida. Para muitos, aquilo

seria motivo para desistir. Para ele, tornou-se combustível de resistência.

Se preparou, reorganizou a rotina, insistiu e retornou quantas vezes fossem necessárias. Na terceira tentativa, conquistou a vaga.

“[...] Entrar na universidade significou também mergulhar em um ambiente plural, diverso e desafiador.”

Escolheu o curso de Ciência Política. Uma área conectada à sua trajetória profissional, às experiências de vida e ao desejo de seguir compreendendo o país e seus caminhos.

O REENCONTRO COM A UNIVERSIDADE

Ingressar na universidade também significou reencontrar a diversidade humana em sua

forma mais viva.

Jovens recém-saídos da escola, adultos em novas fases da vida e pessoas idosas compartilhando o mesmo espaço, as mesmas perguntas e a mesma vontade de aprender.

No início, Marcos sentiu o peso das diferenças geracionais. Houve momentos de silêncio, hesitação e desconforto. Em alguns trabalhos em grupo, percebeu-se deslocado. Se perguntou se seu lugar era ali.

Mas a experiência e a segurança que o tempo lhe deu logo falaram mais alto. Na primeira apresentação em sala, mostrou repertório, clareza e profundidade. O que antes parecia distância transformou-se em respeito. O que parecia barreira virou ponte. A convivência com colegas de 17 anos e outros estudantes maduros ampliou horizontes e renovou formas

de se relacionar com o mundo.

“[...] O que parecia barreira transformou-se em aproximação.”

OUTRA FORMA DE PENSAR O DEBATE

Nas discussões em sala de aula, percebe diferenças interessantes entre gerações.

Percebe que muitos estudantes mais jovens tendem a se limitar ao texto indicado, reproduzindo conceitos e argumentos de forma mais literal.

“Em diversos momentos, falta conexão entre teoria e realidade concreta, entre leitura e reflexão mais ampla.”

Suas contribuições costumam seguir outro caminho. Marcos procura

relacionar os conteúdos com experiências históricas vivida, com observações institucionais acumuladas e análises práticas sobre funcionamento da política e da sociedade.

Busca contextualizar o que está sendo estudado, ampliar perspectivas e provocar perguntas.

“[...] Juventude e maturidade não competem entre si; quando se encontram, ampliam a inteligência coletiva.”

Não se trata de oposição entre juventude e velhice, mas de perspectivas de maturidades complementares.

A energia investigativa dos jovens se soma à vivência e novas curiosidades de pessoas idosas que atravessaram décadas de observação do mundo real.

As trocas representam uma riqueza e patrimônio cultural da universidade.

APRENDER COMO ESCOLHA DE VIDA, PROJETOS DE VIDA

Hoje, Marcos divide o tempo entre trabalho, leitura, escrita, atividade física e a vida universitária.

Continua em movimento porque entende que envelhecer não significa parar, significa escolher com mais liberdade aquilo que faz sentido.

Carrega consigo o desejo de escrever novos livros, participar de debates públicos e permanecer intelectualmente ativo.

“Não busca provar nada a ninguém. Busca apenas permanecer fiel à curiosidade que sempre o acompanhou.”

Três palavras para resumir o que é vivenciar essa experiência:

Desafio, porque todo recomeço exige coragem.

Integração, porque aprender também é conviver e trocar experiências.

Realização, porque alguns sonhos amadurecem com o tempo.

O TEMPO NÃO DIMINUIU A VONTADE DE PARTICIPAR

O tema eleitoral, que faz parte de sua vida profissional, também segue presente em sua vida pessoal e familiar.

Conta, com carinho e admiração, que sua mãe, aos 94 anos, continua desejando votar. Ela faz questão de participar do processo eleitoral e de exercer esse direito conquistado ao longo da vida. Sempre que possível, ele a orienta, conversa sobre candidatos, explica contextos e ajuda nos caminhos para que ela possa comparecer e se manifestar nas urnas.

“[...] envelhecer não significa parar, significa escolher com mais liberdade aquilo que faz sentido.”

“[...] Há pessoas que envelhecem com o tempo; outras reenergizam a cada novo aprendizado.”

Para ele, essa cena carrega um simbolismo profundo: pessoas idosas que, mesmo diante das limitações naturais do tempo, continuam entendendo a importância da participação política.

Observa também que, em muitos momentos, percebe mais engajamento político entre pessoas idosas do que entre muitos jovens.

Nem sempre esse engajamento ocorre de forma plenamente crítica, algumas vezes há influências externas, discursos prontos e cooptações ideológicas.

Ainda assim, enxerga nesse interesse um valor importante: o desejo de participar, de opinar politicamente e de interferir nos rumos da sociedade.

UMA LIÇÃO QUE INSPIRA

Sua trajetória mostra que o conhecimento não pertence a nenhuma fase da vida. A universidade é espaço de todos aqueles que preservam a vontade de desenvolver.

Enquanto muitos contam apenas os anos vividos, ele prefere contar os projetos que deseja realizar.

Aos 67 anos, Marcos escolheu ocupar novamente uma sala de aula. E mostrou, com assertividade e firmeza, que o cérebro humano continua aprendendo e a consciência permanece ampliando em diálogo e prospectando futuros.

*Quem me chamou?
Quem vai querer voltar pro ninho?
E redescobrir seu lugar
Pra retornar e enfrentar o dia a dia
Reaprender a sonhar
Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você responde: Sim
À sua imaginação
À arte de sorrir cada vez que o mundo diz: Não
Você verá que a emoção começa agora
Agora é brincar de viver
Não esquecer: Ninguém é o centro do Universo
Assim é maior o prazer
Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você responde: Sim
À sua imaginação
À arte de sorrir cada vez que o mundo diz: Não
E eu desejo amar
Todos que eu cruzar pelo meu caminho
Como sou feliz, eu quero ver feliz
Quem andar comigo, vem ...*

Brincar de Viver
(Maria Betânia)

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



**MARIA
VERÔNICA
PEREIRA**



*A Trajetória de Maria
Verônica...*

Todas as manhãs ela deixa os sonhos na cama, acorda e põe sua roupa de viver. Todas as manhãs ela caminha vagorosamente para pegar o ônibus que a levará para lugar nenhum, para ver ninguém. E todas as manhãs ela imagina como serão as tardes, já sabendo a resposta, finge ser feliz assim todas as manhãs. E todas as manhãs ela espera pela noite, ela espera assim arduamente para voltar para seu quarto, e ser triste. É quando ela sente que está assim completa. Completamente triste, mas completa. E quando ela tira a roupa e põe todo o seu corpo embaixo das cobertas quentes e sente que começa a sonhar, é quando ela sorri. Assim para ninguém. Mas para ela mesma. E viver vale a pena.

(“TODAS as manhãs...”, [19--?])

Todas as manhãs, Maria Verônica, deixava os sonhos na cama. Levantava-se e vestia sua roupa de existir que não era leve, mas necessária.

Caminhava vagorosamente para pegar o ônibus... como até hoje faz, carregando nos passos uma inquietação que a levava para lugares que, muitas vezes, pareciam não levar a lugar nenhum. Mas nada! Maria Verônica sonhava, era seu jeito de resistir.

Esperava pela noite... para chegar a sua casa. E ali, no seu lar, cuidava da mulher que lhe deu a vida, já fragilizada pela doença; sob cobertas que guardavam mais do que calor, guardavam o seu melhor tesouro: sua mãe. Triste, às vezes, mas sempre inteira, movida pela fé e pela espera em Deus de que dias melhores viriam, o viver voltava a valer a pena.

Foi assim, entre perdas e recomeços, que Maria Verônica construiu sua história.

Nascida em 22 de maio de 1960, em Cafarnaum, no estado da Bahia, pouco depois do nascimento de Brasília, ela ainda levaria anos até chegar à capital do Brasil. Baiana de coragem firme, chegou carregando mais do que malas, trazia sonhos de uma vida melhor.

Em 1981, tentou retomar os estudos no ensino técnico em eletrônica, mas desistiu no terceiro ano do curso de eletrônica, sua mãe já enfraquecida pela doença precisava da sua presença. Cuidar da mãe era o mais importante. Sem se reconhecer ali, naquele curso, encontrou no trabalho do Censo do IBGE uma forma de sobreviver — e de se sentir útil, pertencente.

Mas aquele ano guardava uma dor maior. Em uma quinta-feira de carnaval, enquanto o mundo celebrava, sua querida mãe partiu. E, de repente, o chão desapareceu. O trabalho acabou. O silêncio cresceu.

Então veio o convite para trabalhar como babá no México e Maria Verônica embarca para a capital Cidade do México, porque ficar parada nunca foi uma opção.

Dois anos depois, de volta ao Brasil, decidiu que precisava concluir o que havia começado. Fez o Magistério, pagou seus estudos com o próprio esforço e, com o diploma nas mãos, sonhou em ensinar. Mas o trabalho não veio.

E, mais uma vez, reinventou-se. Aprendeu corte e costura no SENAI. Trabalhou em boutique, produziu uniformes e, em quatro meses, já estava no cargo de supervisora. Sem perceber, retomava algo que havia começado ainda jovem: o desejo de costurar, quando observava sua irmã aos pés de uma máquina de costura. Os tecidos, silenciosamente costuravam seu destino de Maria Verônica, que sempre buscava mais.

Prestou concurso para o Ministério da Educação. Passou. Foi para o Ministério da Aeronáutica, onde permaneceu por 27 anos. Casou-se em 1996. Teve duas filhas. Uma delas, com síndrome de Down — e foi assim que a vida ganhou novos sentidos, mais profundos, mais desafiadores, mais humanos.

Mesmo com tantas responsabilidades, Maria Verônica não parou. Foi estudar teatro. Subiu ao palco. Enfrentou novos medos. E, sem saber, começava a tocar em temas que fariam parte de sua própria história como o etarismo.



O tempo passou...

Um ano após aposentar-se, a vida novamente a atravessou com dor. Seu esposo faleceu e, mais uma vez, o chão desapareceu.

O luto silenciou seus passos, interrompeu planos, afastou-a do palco. Restou levantar-se e recomeçar, porque a vida merece ser vivida; sua fé, sua comunidade paroquial, seus amigos, familiares e filhas lhe deram a força para ficar de pé.

Em 2024, um novo chamado. Sua filha, estudante de biblioteconomia na universidade de Brasília, a convidou para fazer o vestibular 60+. Um convite simples, um gesto de amor. E Maria Verônica, com a coragem que nunca a abandonou, aceitou.

Sentou-se diante da prova, e, ao olhar, enxergou a própria história. E, talvez, por

isso, nada poderia ter sido mais simbólico: o tema da redação era sobre o direito à universidade e o envelhecimento saudável. Resultado: primeiro lugar em Biblioteconomia com uma nota 90,75.



Hoje, Maria Verônica está no quinto semestre. Entre cadernos, tecidos e responsabilidades, segue equilibrando mundos. Cuida da casa, costura bolsas e patchworks, estuda, e de vez em quando, a filha caçula, que tem Down, é sua companheira na universidade, onde também encontram apoio para continuar.

A vida não é fácil. Nunca foi.

Mas ela continua.

E quando perguntam sobre o futuro, Maria Verônica não se apressa. Não faz planos grandiosos. Um dia de cada vez. Ela quer o hoje.

Quer avançar em seu trabalho de conclusão de curso, questionando palavras frias como “usuário”, porque sabe que pessoas não são funções, nem números, nem ferramentas. Pessoas são histórias — como a dela e como a de tantas outras que não sabem.

E, todas as manhãs, mesmo que ainda deixe os sonhos na cama, Maria Verônica segue.

Porque viver, apesar de tudo, ainda vale a pena.

*O que você precisa é de um retoque total
Vou transformar o seu rascunho em arte final
Agora não tem jeito, cê tá numa cilada
Cada um por si, você por mim e mais nada*

*Uh, eu quero você como eu quero
Uh, eu quero você como eu quero*

*Longe do meu domínio, cê vai de mal a pior
Vem que eu te ensino como ser bem melhor
Longe do meu domínio, cê vai de mal a pior
Vem que eu te ensino como ser bem melhor*

**Como eu quero
(Kid Abelha)**

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



MAURÍCIO LEITE



*O Fio da Meada entre
Gerações*

*Maurício - Estudante do
Curso de Ciências
Econômicas.*

A história de Maurício Ferreira Leite não é apenas o relato de uma trajetória individual, mas um testemunho vivo das transformações sociais e educacionais do Brasil contemporâneo. Nascido na capital paulista, Maurício carrega consigo a herança de uma geração que viu o país se urbanizar e se modernizar, transitando entre os centros nervosos de São Paulo, Belo Horizonte e, finalmente, a capital federal, Brasília. Casado há 45 anos com Heloísa Maria de Amorim Leite, sua vida é o alicerce de uma família que respira educação: pai de três filhos graduados, sendo o caçula doutorando em Letras na Universidade de Brasília (UnB), e avô de dois netos, de 13 e 15 anos.

“REAPRENDER A APRENDER”.

Aos 67 anos, Maurício desafia o conceito convencional de “aposentadoria”. Para ele, o encerramento de um ciclo formal de trabalho não significou o fim da produtividade, mas a abertura de um novo horizonte. Sua entrada no curso de Ciências Econômicas da UnB, através do vestibular “60+”, marca um ponto de inflexão onde a experiência de vida se

encontra com o vigor acadêmico, criando uma narrativa que conecta o passado de esforço profissional ao presente de engajamento digital e intelectual.

RAÍZES E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

A juventude de Maurício foi marcada pela mobilidade e pela busca por oportunidades. De São Paulo para Belo Horizonte ele construiu sua base familiar e acadêmica cursando a

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sua carreira iniciou-se no setor público, na Caixa Econômica Federal, onde permaneceu por cerca de seis anos, antes de migrar para o setor privado.

O ano de 1998 representou um marco geográfico e profissional: a mudança para Brasília para trabalhar no Ministério da Saúde. Durante seis anos, Maurício foi peça-chave na implementação da “Sala de Situação”, um sistema de monitoramento de dados de saúde pública que foi expandido para todo o Brasil. Essa experiência consolidou sua expertise em gestão e análise de dados, competências que mais tarde ele converteria para sua atuação como Gestor de Risco.

Mesmo após a aposentadoria formal, com 28 anos de contribuição, Maurício não interrompeu suas atividades. Adaptou-se à modernidade do home office, atuando como consultor em seguros, previdência, saúde e planejamento financeiro. Sua vida profissional sempre foi pautada pela análise do incerto – o risco – e foi essa mesma disposição para o novo que o levou de volta aos bancos universitários.

O REENCONTRO COM A ACADEMIA: O VESTIBULAR 60+

A motivação para retornar à universidade surgiu de uma percepção de ociosidade e do incentivo fundamental de sua

família. O filho caçula, imerso no ambiente acadêmico da UnB, foi o catalisador dessa mudança, apresentando ao pai a oportunidade do vestibular específico para estudantes 60+.

Embora inicialmente hesitante – questionando a necessidade de uma nova formação aos 67 anos – Maurício abraçou o desafio.



3,8 ★★★★★ (5)

Não Escolhi Ser Assim!: Um estudo sobre caráter e personalidade. (Portuguese Edi...
Homossexualidade, depressão, bipolaridade, suicídio, deficiência física, assassinato, esquizofrenia, Alzheimer, superdotação, doenças mentais degenerativas, cérebros geniais e outras ocorrências inex...

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua68460/?srsltid=AfmBOoqbiO4bnRqJnwxORXcDSjbeqU6SH7bIvUQ4TkFKZhBcbV GwSssG>

Sua primeira tentativa foi para o curso de Psicologia, atraído pela compreensão do comportamento humano. O interesse pela Psicologia vem do estudo realizado de dezenas de livros científicos e religiosos, por mais de 6 anos, até organizar as idéias e material que culminaram na publicação do livro “NÃO ESCOLHI SER ASSIM!”, que já está em sua 2a. Edição.

O livro aborda um estudo sobre caráter e personalidade, tentando encontrar respostas para os diversos comportamentos dos seres humanos. Contudo, a alta concorrência e o número limitado de vagas (apenas uma) o levaram a redirecionar seu foco. Na segunda tentativa, optou por Ciências Econômicas, área correlata à sua experiência profissional em gestão de riscos. A aprovação não foi apenas uma vitória pessoal, mas o

início de uma nova fase de “reaprender a aprender”.

A VIVÊNCIA NO “MINHOÇÃO”: Integração e Impacto Digital

Ao ingressar na UnB, Maurício deparou-se com uma realidade diferente da que imaginava: não estava em uma bolha de estudantes 60+s, mas inserido em salas de aula comuns, compartilhando o espaço com jovens de 18 a 20 anos. Essa integração intergeracional tornou-se o coração de sua nova jornada.

Com humor, ele se posiciona como um igual entre os jovens, participando de atividades que vão desde debates acadêmicos até momentos de descontração no Restaurante Universitário.

“Quando fiz o vestibular, eu achei que ia entrar numa sala só de estudantes 60+”



O impacto de sua presença na universidade transbordou as paredes das salas de aula. Incentivado pelos filhos a registrar seu dia a dia, Maurício criou um perfil no Instagram sob o nome “@idosonaunb”.

O que começou como uma brincadeira familiar tornou-se um fenômeno digital: um de seus vídeos sobre a dificuldade das matérias de exatas, como Cálculo, **alcançou mais de 1,5 milhão de visualizações. Com mais de 13 mil seguidores**, ele se tornou uma referência, inspirando outras pessoas 60+s a buscarem a educação superior e combatendo o idadismo.

O PAPEL DE AGENTE DE MUDANÇA

Maurício não é um estudante passivo. Sua maturidade confere-lhe uma visão crítica sobre a infraestrutura e a metodologia de ensino.

Através de suas redes sociais, ele passou a atuar como um fiscal do ambiente universitário, apontando problemas de acessibilidade e conservação, como cadeiras quebradas e falta de ar-condicionado em auditórios.

Sua voz, amplificada pelo alcance digital, resultou em melhorias reais no campus, demonstrando que o 60+ na universidade é também um cidadão ativo e Ser político

Além disso, ele traz para a sala de aula a “vida orgânica” em contraposição à “vida de tela” da geração atual. Sua facilidade de comunicação e capacidade de

síntese, lapidadas por décadas das negociações e consultorias, servem de estímulo para colegas mais jovens e muitas vezes mais tímidos. Ele utiliza o conhecimento acadêmico de forma pragmática, aplicando conceitos de economia diretamente em seu trabalho de consultoria, criando um ciclo virtuoso de aprendizado e prática.

“Colegas mais jovens e muitas vezes mais tímidos”

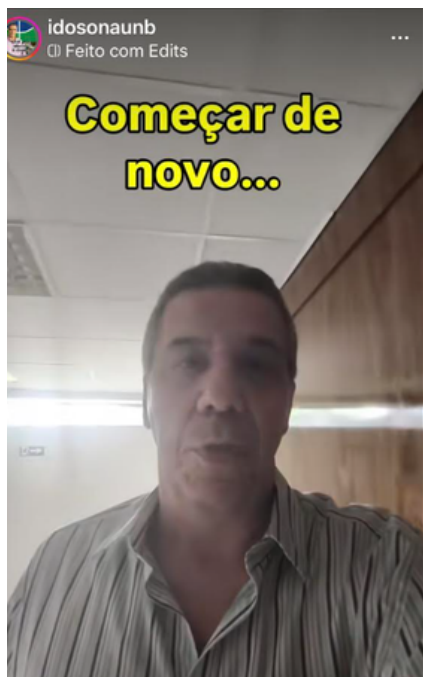
UM OLHAR PARA O FUTURO

A narrativa de Maurício Ferreira Leite é uma lição de que o tempo não é um limitador, mas um acumulador de potências. Aos 67 anos, com planos de concluir a graduação aos 70 e,

possivelmente, buscar uma segunda formação em Psicologia, ele personifica o conceito de lifelong learning, out seja, aprendizado ao longo da vida.

Sua história conecta o Brasil das décadas passadas – da formação técnica e do trabalho presencial – ao Brasil do futuro, onde a tecnologia e a educação devem ser acessíveis a todas as idades.

Maurício demonstra que a universidade se enriquece com a presença do estudante 60+, não apenas pela transmissão de conhecimento, mas pela troca de experiências que humaniza o ambiente acadêmico e prepara a sociedade para uma longevidade ativa, produtiva e, acima de tudo, inspiradora.



Me cansei de lero-lero
Dá licença, mas eu vou sair do sério
Quero mais saúde
Me cansei de escutar opiniões
De como ter um mundo melhor

Mas ninguém sai de cima, nesse chove não molha
Eu sei que agora eu vou é cuidar mais de mim

Como vai? Tudo bem
Apesar, contudo, todavia, mas, porém
As águas vão rolar, não vou chorar
Se por acaso morrer do coração
É sinal que amei demais

Mas enquanto estou viva e cheia de graça
Talvez ainda faça um monte de gente feliz

Saúde
(Rita Lee)

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



NEUSA MARIA

*A Trajetória de Neusa
Maria...*

HISTÓRIA

Neusa Maria Nepomuceno, carioca nascida em 24 de março de 1963, carrega no sotaque e na vivacidade a energia de quem, aos 63 anos, decidiu que tem muitos "leques" para abrir em sua mente. Residente em Brasília há 15 anos, sua história é marcada por uma formação robusta em Letras e Direito, mas também por reviravoltas que exigiram resiliência.

Aos 40 anos, Neusa enfrentou uma aposentadoria precoce por invalidez como servidora pública federal após um grave acidente que a afastou do trabalho por três anos. No entanto, a inatividade nunca foi uma opção; ela advogou por uma década, mas confessa ter "odiado" o ambiente jurídico.

Foi ao chegar em Brasília que reencontrou sua verdadeira paixão: a sala de aula. Trabalhou por seis anos em um cursinho pré-vestibular e chegou a abrir seu próprio espaço de ensino no Guará, que prosperou rapidamente.



Contudo, a pandemia trouxe uma mudança definitiva: Neusa fechou sua sala física, migrou para o ensino virtual e, ao descobrir as vantagens do mundo digital, decidiu que

"do online não sairia nunca mais", atuando hoje como professora autônoma de redação para concursos.

O INGRESSO NO VESTIBULAR UNB 60+

O ingresso no curso de Psicologia da UnB em 2025.1 não foi um mero acaso. Há 13 anos, Neusa cuida de sua mãe, diagnosticada com Alzheimer. Ao acompanhar a progressão da doença e estudar sobre demências por conta própria, ela sentiu que precisava "entender isso melhor".

"[...] fui lendo e fui estudando e foi abrindo assim um leque na minha cabeça."

Além da sede científica, houve um empurrão afetivo: seu filho, preocupado com

seu isolamento social — já que ela passava os dias "trancada dentro de casa" entre os cuidados com a avó e as aulas virtuais — a incentivou a voltar para o convívio acadêmico. Neusa fez o vestibular em segredo e, ao ser aprovada, surpreendeu a todos.

Ao chegar na UnB, ela se deparou com um "luxo". Comparando com suas memórias da UFRJ.

Neusa descreve a UnB como uma universidade limpa, organizada e acolhedora.

A VIDA NO CAMPUS

A integração de Neusa com os estudantes de 18 e 19 anos é, em suas palavras, "maravilhosa" dentro da sala de aula, onde há troca constante de informações e cooperação em grupos

No entanto, a socialização fora dos muros do aprendizado revela as barreiras invisíveis do idadismo.

No Centro Acadêmico, ela e sua colega Joana são confundidas com professoras, o que inibe os jovens e as faz evitar esses espaços para não "tumultuar" a descontração alheia.

O preconceito geracional também se manifesta de forma técnica. Neusa relata que, no laboratório, as monitoras frequentemente "faziam por ela" as tarefas no computador em vez de ensiná-la, pressupondo que, por ser idosa, ela não teria competência tecnológica.

Essa exclusão ecoa fora da UnB: em seu condomínio, observa que não existe "nada para o idoso" e os vizinhos se dividem por grupos de idades.

"[...] todas as dúvidas que a gente teve, talvez por ser uma coisa com computador, nenhuma delas tirou a nossa dúvida"

Como estudante com deficiência (PCD) assistida pelo DACES, Neusa aponta que as maiores barreiras são as arquitetônicas. Ela descreve o desafio de deslocar-se entre prédios distantes — como o ICC Norte e o BSA Sul — o que a obriga a usar o carro e, muitas vezes, dar carona aos colegas mais jovens para vencer a distância.

Critica o chão irregular dos estacionamentos e a falta de rampas entre os blocos do ICC, que transformam a mobilidade em uma prova de resistência.

“Eu acho que não barreiras educacionais nem culturais, nada disso! Mas as barreiras arquitetônicas!”

ATIVIDADES DE LAZER E PROJETO DE VIDA

Nas horas de descanso, Neusa dedica-se à leitura, ao cinema e ao seu hobby favorito: o bordado em ponto cruz, produzindo quadros e toalhas, especialmente durante as férias.

Seus planos futuros são claros: ela pretende concluir a graduação aos 67 anos e utilizar a Psicologia para associar ao ensino de redação, tratando o medo e o trauma que muitos alunos sentem diante da folha em branco.

“[...] meu projeto é de em 10 anos parar. Entendeu? Ler o que eu quiser, passear um pouquinho.”

Neusa não busca títulos de mestrado ou doutorado; seu projeto é trabalhar por mais dez anos unindo esses saberes e, depois, "parar de verdade" para viajar e ler o que quiser. Ela define sua vivência na UnB em três sentimentos: gostar, sentir-se em uma universidade acolhedora e estar profundamente feliz.

As reflexões sobre sua trajetória subvertem a visão estereotipada da velhice, pautada pela fragilidade e pelo isolamento, ao desafiar a Teoria do Desengajamento.

Ao ingressar na atual graduação e gerir um negócio próprio no ambiente digital, Neusa personifica o conceito de envelhecimento da Política do Envelhecer Saudável Participativo e Cidadão da

UnB, demonstrando um protagonismo que rompe com os estigmas de passividade e desatualização tecnológica.

Sua curiosidade científica e iniciativa acadêmica, mesmo após décadas de carreira consolidada, reforçam que a busca por conhecimento e a reinvenção profissional não possuem data de validade.

Por outro lado, sua vivência também expõe as vulnerabilidades inerentes ao envelhecimento em uma sociedade que ainda pratica o etarismo e o capacitismo. Como pessoa com deficiência (PCD), Neusa enfrenta barreiras arquitetônicas e comportamentais que evidenciam os desafios de transitar em espaços nem sempre preparados para a diversidade funcional e geracional.

Além disso, o fato de cuidar de sua mãe com Alzheimer ilustra um

fenômeno demográfico cada vez mais comum: o de pessoas idosas que assumem o papel de cuidadores de outros idosos, evidenciando a necessidade de novos olhares sobre o suporte a essa população. Em última análise, a história de Neusa serve como uma lição inspiradora de resiliência, provando que nunca é tarde para sair da zona de conforto e buscar novos sonhos.

Sua trajetória reafirma que a universidade deve ser, cada vez mais, um espaço democrático para todas as idades, onde os percalços da vida podem ser transformados em novos projetos de existência.

A mensagem central é de que o tempo para ser feliz e se reinventar é o presente, independentemente da estabilidade já alcançada ou das limitações impostas pelo corpo e pela sociedade.

*Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de Gentileza*

*Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria*

*O mundo é uma escola
A vida é o circo
Amor: Palavra que liberta
Já dizia o profeta*

**Gentileza
(Marisa Monte)**

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



**PEDRO PAULO
GALUCHO
BAHIA**



*A Trajetória do Pedro
Paulo...*

Imagine um homem que passou três décadas patrulhando as estradas como policial rodoviário federal, mas que, ao chegar aos 68 anos, decidiu que seu novo destino seria as salas de aula da Universidade de Brasília (UnB).

Esse é Pedro Paulo Galucho Bahia, ou simplesmente PP, um paulista de alma brasiliense que chegou à capital há quase 40 anos, quando a Asa Norte ainda dava seus primeiros passos.

O COMEÇO DE UM NOVO CICLO

Para muitos, a aposentadoria soa como um ponto final, mas para Pedro Paulo, ela é o começo de um novo ciclo.

Jornalista de formação, ele decidiu que, quando se aposentar, daqui a poucos anos, irá trocar a farda pelo trabalho na área de turismo.

PROJETOS DE VIDA E SIGNIFICADO

Suas expectativas envolvem adquirir conhecimento técnico na área de turismo, para reverter

esses conhecimentos em benefício de sua comunidade, focando especialmente na população idosa e iniciou esse projeto ingressando no curso de Turismo pelo vestibular 60 mais.



PP enxerga o turismo como uma ciência humana e social. Ele percebeu que a população 60 mais de Brasília, embora numerosa, muitas vezes é invisível, limitada a lazeres passivos. Assim o desafio dele será encontrar resposta para a seguinte pergunta: como transformar os espaços da cidade em ambientes de saúde, cultura e esporte para quem já cruzou a marca das seis décadas?

A ROTINA DIÁRIA

Em sua vida pessoal, além da rotina de estudos, ele mantém uma rotina ativa como remador no Lago Paranoá, motociclista e estudante de música, tocando violão e viola caipira.

“[...] como transformar os espaços da cidade em ambientes de saúde, cultura e esporte para quem já cruzou a marca das seis décadas?”

AS INTERAÇÕES NO MUNDO ACADÊMICOS

Em sua trajetória acadêmica, PP descreve a interação com os demais estudantes como um ambiente marcado pela igualdade e pelo auxílio mútuo, no qual não há distinções em razão da idade e todos trabalham "ombro a ombro".

Pedro destaca que sua experiência de vida se soma à curiosidade e à agilidade dos estudantes mais jovens, recém egressos do ensino médio, criando aprendizagens e trocas entre gerações.

Pedro informa ainda que não sentiu nenhum tipo de preconceito, seja ele ostensivo ou velado, por parte de estudantes, professores ou servidores.

Pelo contrário, nota um ambiente de grande respeito à diversidade, inclusive em relação à identidade de gênero e à convivência com jovens trans.

OS DESAFIOS

Retornar aos estudos formais após 30 anos está sendo um grande desafio. PP teve que romper a barreira das plataformas digitais e das novas formas de construir conhecimento.

Mas, fiel à sua filosofia, ele acredita que, diante das dificuldades, devemos ser resiliente como a água: se o caminho fecha por um lado, ela sobe, desce ou faz a curva, mas nunca deixa de buscar

novos caminhos.

A BUSCA DO CONHECIMENTO

Na UnB, ele não busca apenas um diploma para pendurar na parede, mas o conhecimento necessário para realizar seu projeto de transformar os espaços da cidade em ambientes de saúde, cultura e esporte para os 60 mais e reverter seus esforços de estudos em benefício social para sua comunidade.

“[...] Diante das dificuldades, devemos ser resiliente como a água: se o caminho fecha por um lado, ela sobe, desce ou faz a curva, mas nunca deixa de buscar seus objetivos.”

Ele se sente desafiado e confrontado em suas visões de mundo, mas, acima de tudo, disposto a superar o desafio de voltar a estudar.

Pedro ressalta que a universidade é um espaço de universalização de olhares e que as pessoas 60 mais têm muito a contribuir com o desenvolvimento de políticas públicas.



UMA HISTÓRIA INSPIRADORA

A história de Pedro Paulo inspira as pessoas a compreenderem que a vida é um permanente recomeço, no qual a curiosidade e a vontade de aprender constituem importantes fontes de vitalidade para uma longevidade saudável e representam a força necessária para enfrentar e superar os desafios que surgem ao longo do caminho.

“Eu me sinto desafiado e confrontado em minhas visões de mundo, mas, acima de tudo, disposto a vencer o desafio.”

*E a luz do céu
Para inspirar o seus desejos
Pra fazer você encher o peito e cantar*

*Quando você pensa
Que está tudo errado e negativo
E que ainda vai piorar, piorar*

*Pra todo mundo a vida é difícil
Todos fazem seu sacrifício
Pra melhorar, melhorar*

*Lá vem o sol
Para derreter as nuvens
Para iluminar o fim do túnel*

Marisa Monte
(Para Melhorar)

Estudantes UnB 60+

HISTÓRIAS DE VIDA INSPIRADORAS



**VALDIR
CORREIA
VIANA**

*A Trajetória de Valdir
Correia..*

Valdir Corrêa Viana gosta de dizer que sua história começou muito antes da universidade, muito antes das salas de aula, dos laboratórios e dos corredores da Universidade de Brasília. Começou ainda no interior, na simplicidade da vida rural, onde aprendeu cedo que sobreviver exigia trabalho duro, disciplina e capacidade de adaptação.

Valdir chegou em Brasília em janeiro de 1981, carregando na bagagem a esperança de que a nova capital lhe daria novas perspectivas de vida. Entrou para o Exército ainda jovem, levado pela oportunidade apresentada por um major que conhecera nos tempos em que vivia no roça.

Foi no quartel que concluiu o primeiro grau, conciliando a rotina militar com os estudos possíveis naquele contexto.

Vieram, então, o casamento, os filhos e as responsabilidades que, silenciosamente, reorganizam os sonhos de qualquer pessoa. A prioridade passou a ser a família. Valdir optou por colocar muitos de seus projetos pessoais em segundo plano para garantir melhores oportunidades aos filhos, enquanto eles cresciam, estudavam e construíam seus próprios caminhos. Estudar podia esperar — ou, pelo menos, era isso que ele acreditava naquele momento da vida.

Ao longo dos anos, construiu sua trajetória profissional entre o serviço militar e os órgãos públicos federais. Trabalhou no Ministério da Aeronáutica, passou pelo Gabinete do Ministro e, posteriormente, pelo Gabinete de Segurança Institucional. A vida seguia estável. Não havia luxo, mas havia sustento, dignidade e a

sensação de dever cumprido.

Enquanto os filhos avançavam em suas formações acadêmicas, ele observava à distância o universo dos estudos formais, convencido de que aquela etapa já não lhe pertencia mais.

Mas o desejo de aprender nunca desapareceu completamente. Mesmo distante da escola formal, Valdir jamais abandonou a curiosidade pelo conhecimento. Participou de cursos técnicos, buscou aprender novas habilidades e manteve viva uma inquietação silenciosa diante do mundo. No fundo, havia algo que permanecia pulsando: a vontade de continuar aprendendo.

O RETORNO À SALA DE AULA

Durante muito tempo, essa vontade permaneceu

guardada entre as exigências da rotina, do trabalho e das responsabilidades familiares.

O estudo formal parecia fazer parte de um passado distante, algo interrompido pelas urgências da vida adulta. Foi somente muitos anos depois que um acontecimento aparentemente simples alterou o rumo de sua trajetória.

Durante uma missão de trabalho, enquanto navegava pelo celular, encontrou o anúncio de um curso na área de medicina integrativa e plantas medicinais. O tema despertou imediatamente seu interesse. Havia algo naquele universo que o fascinava profundamente. Sem pensar muito, decidiu se inscrever.

Ao longo da formação, porém, recebeu uma informação que mudaria sua vida: para atuar profissionalmente na área terapêutica, seria necessário

concluir o ensino médio.

A notícia não foi recebida como um obstáculo, mas como um chamado. Depois de décadas afastado da sala de aula, Valdir decidiu retornar aos estudos. O reencontro com o ensino formal aconteceu por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Taguatinga Sul. O retorno, no entanto, não aconteceu sem inseguranças. Ele sabia que muita coisa havia mudado desde a última vez em que frequentara uma escola. Os métodos de ensino eram outros, o sistema educacional havia se transformado e ele próprio já não possuía o mesmo ritmo de aprendizagem da juventude.

Por isso, mesmo tendo concluído parte do ensino médio anteriormente, escolheu recomeçar desde o primeiro ano. Precisava recuperar conteúdos,

reconstruir a base e, sobretudo, reaprender a estudar. O processo não foi simples, ainda assim, persistiu. Encontrou apoio na família, especialmente na esposa e nos filhos, que constantemente o incentivavam a continuar. Também encontrou acolhimento em professores que reconheceram seu esforço e passaram a estimulá-lo a seguir adiante.

Pouco a pouco, o retorno à escola deixou de ser apenas uma necessidade para se transformar em uma experiência de redescoberta pessoal. Foi nesse período que Valdir percebeu algo importante sobre si mesmo: o prazer de aprender permanecia intacto.

O VESTIBULAR QUE MUDOU TUDO

A ideia de ingressar na Universidade de Brasília

parecia distante demais da realidade que Valdir conhecia. Para ele, a universidade pública era um espaço reservado a pessoas muito diferentes daquelas que vinham do EJA, especialmente alguém com mais de 60 anos.

Por isso, quando os professores começaram a incentivá-lo a fazer o Vestibular 60+, sua reação inicial foi de descrença.

“UnB não é para mim”

Mas os incentivos continuaram chegando. Professores insistiam. A família apoiava. Os filhos ajudaram na inscrição. Aos poucos, o impossível começou a parecer ao menos tentável.

Poucos dias antes da prova, participou de oficinas de redação promovidas na Biblioteca Nacional. Voltou a escrever textos, praticar argumentação e enfrentar o

medo da folha em branco. Ainda assim, no dia do vestibular, a insegurança permaneceu.

Ao entrar na sala, viu candidatos que pareciam muito mais preparados que ele. Havia apenas duas vagas para o turno noturno e mais de uma centena de inscritos.

Durante a redação, chegou a acreditar que tudo estava perdido. Rasgou o primeiro rascunho e começou novamente. Escreveu movido mais pela insistência do que pela confiança. No fundo, acreditava que não passaria.

Quando o resultado saiu, sequer queria conferir. Foi a esposa quem insistiu. E então veio a surpresa: seu nome estava entre os aprovados.

Aquele momento representou mais do que a entrada na universidade. Representou o rompimento definitivo com a ideia de que

certos espaços não lhe pertenciam.

A UNIVERSIDADE COMO REINVENÇÃO

Os primeiros meses na Universidade de Brasília foram desafiadores. Não apenas pelas disciplinas, mas pela própria dinâmica universitária. Os prédios, as siglas, os sistemas acadêmicos, os calendários e os fluxos de matrícula pareciam formar uma linguagem própria, desconhecida para quem chegava pela primeira vez depois dos 60 anos.

Valdir sentiu falta de acolhimento institucional mais estruturado para estudantes ingressantes, especialmente aqueles afastados há décadas do ambiente acadêmico. Muitas vezes, precisou aprender sozinho como funcionavam os serviços. Mas, persistiu!

Aos poucos, começou a compreender o funcionamento da graduação. Aprendeu a organizar a própria rotina, selecionar disciplinas de acordo com suas possibilidades e criar estratégias de estudo compatíveis com seu ritmo de aprendizagem.

Reconhece que sua forma de aprender se transformou ao longo da vida, valorizando cada vez mais a reflexão e a construção cuidadosa do conhecimento. Por vezes, novas conexões e respostas surgiram após momentos de maior elaboração, sem que isso tenha diminuído seu entusiasmo, curiosidade e compromisso com a aprendizagem contínua.

A universidade passou a representar um espaço de descoberta permanente. Cada nova disciplina ampliava sua compreensão sobre o mundo. As aulas de bioquímica, genética e fisiologia despertaram um fascínio

profundo pela ciência.

Mais do que conteúdos acadêmicos, Valdir encontrou na universidade um novo modo de existir.

AFETO, PERTENCIMENTO E REDES DE APOIO

Ao longo da graduação, algumas pessoas se tornaram fundamentais em sua trajetória. Professores acolhedores, colegas dispostos a ajudar e estudantes que compreenderam suas dificuldades passaram a fazer parte do cotidiano universitário.

Ele fala com emoção sobre professores que o incentivaram desde o início, especialmente aqueles que conseguiram enxergar nele não apenas um estudante idoso, mas alguém genuinamente comprometido com o conhecimento.

Também encontrou apoio nos colegas mais jovens. Compartilhamento de materiais, orientações sobre disciplinas, ajuda com sistemas digitais e trocas cotidianas construíram uma rede de solidariedade importante para sua permanência no curso.

Hoje, já não se sente perdido como antes.

Circula pelo campus com mais segurança, participa de projetos, organiza melhor sua rotina acadêmica e compreende que a universidade também pode ser um espaço de pertencimento para pessoas idosas. A convivência intergeracional, segundo ele, transformou profundamente sua visão sobre juventude, envelhecimento e aprendizado.

Aos 64 anos, Valdir não fala sobre a graduação como um ponto de chegada.

Fala como começo.

Seu maior desejo é atuar na área da pesquisa científica. Sonha em contribuir com laboratórios, projetos acadêmicos e produção de conhecimento na área das Ciências Biológicas. Quer devolver à sociedade aquilo que sente estar recebendo da universidade pública.

Para ele, estudar significa conquistar autonomia intelectual, desenvolver senso crítico e deixar de ser tratado como alguém facilmente manipulável. O conhecimento, acredita, protege as pessoas da ignorância e amplia possibilidades de transformação social.

Quando fala sobre o futuro, menciona com naturalidade a possibilidade de seguir para o mestrado e até para o doutorado.

“Se a universidade me chamou para entrar”, diz sorrindo, “agora vai ser difícil me fazer sair.”

Sua trajetória revela que o envelhecimento não precisa significar encerramento. Pode ser também recomeço, movimento e descoberta. Em cada aula, em cada prova e em cada novo semestre, Valdir reafirma algo que sua própria história ensina silenciosamente: nunca é tarde para reinventar a própria vida.



ATÉ BREVE!

O Vestibular UnB 60+ revela um potente caminho de transformação cultural e institucional no enfrentamento ao idadismo, em consonância com os princípios da Política do Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão (PESPC). Ao ampliar o acesso de pessoas com 60 anos ou mais aos cursos de graduação, a Universidade de Brasília reafirma que o direito à educação acompanha toda a trajetória humana e que a produção de conhecimentos, projetos e sonhos não se limita a nenhuma etapa da vida.

As histórias reunidas nesta publicação demonstram que a convivência intergeracional constitui um dos pilares mais fecundos dessa experiência. O encontro entre diferentes gerações reduz distâncias simbólicas, amplia horizontes e fortalece relações pautadas pelo respeito, pela reciprocidade e pela aprendizagem mútua. Ao reunir distintas experiências, saberes e perspectivas, a universidade fortalece sua capacidade de produzir conhecimento socialmente relevante e de responder aos desafios contemporâneos com maior criatividade, sensibilidade e compromisso coletivo.

As narrativas também evidenciam o protagonismo crescente de estudantes 60+ nos espaços acadêmicos, culturais, comunitários e digitais, contribuindo para ampliar a visibilidade da longevidade e desafiar representações estereotipadas sobre o envelhecimento.

Somam-se a isso iniciativas institucionais, como a oferta de disciplinas e atividades voltadas à compreensão do processo de envelhecer, fortalecendo uma cultura universitária mais inclusiva, plural e comprometida com a aprendizagem ao longo da vida.

Ao mesmo tempo, os relatos lembram que a construção de uma sociedade para todas as idades permanece um desafio permanente. Persistem barreiras atitudinais, comunicacionais, tecnológicas e arquitetônicas que demandam reflexão crítica, inovação institucional e compromisso contínuo com a acessibilidade, a equidade e os direitos humanos. Superar essas barreiras significa reconhecer a diversidade das trajetórias de vida e garantir condições para que todas as pessoas possam participar plenamente da vida universitária e social.

Mais do que registrar memórias, esta publicação celebra percursos, escolhas, reinvenções e futuros. As experiências aqui compartilhadas mostram que o envelhecimento não representa um tempo de encerramentos, mas uma etapa rica em possibilidades de aprendizagem, criação, participação e contribuição social. Cada história reafirma que viver mais também pode significar ampliar projetos, construir novos vínculos, ocupar novos espaços e continuar produzindo sentidos para si, para as comunidades e para o mundo.

Que estas páginas inspirem universidades, gestores, educadores, estudantes e a sociedade a reconhecerem o valor da convivência entre gerações e a fortalecerem o compromisso com uma cultura de direitos, solidariedade e dignidade ao longo de todo o curso da vida.

Nos próximos meses, o Grupo de Pesquisa Envelhecer Cotidiano dará continuidade a esta iniciativa com o lançamento de um novo volume dedicado ao registro de outras trajetórias de estudantes ingressantes pelo Vestibular UnB 60+. As histórias que serão compartilhadas seguirão ampliando a compreensão da comunidade acadêmica e da sociedade sobre a diversidade das experiências de envelhecimento e evidenciarão, mais uma vez, a potência transformadora da presença de pessoas idosas na universidade. Ao ocuparem salas de aula, laboratórios, projetos de pesquisa, ações de extensão e espaços de convivência, esses estudantes reafirmam a educação como um direito ao longo de toda a vida e contribuem para a construção de uma universidade mais plural, intergeracional, democrática e comprometida com a valorização de todas as etapas do curso da vida.











